

CONCEPÇÕES DE NÍSIA FLORESTA SOBRE EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

Palavras-Chave: NÍSIA FLORESTA, EDUCAÇÃO FEMININA, *OPÚSCULO HUMANITÁRIO*

Autores(as):

RENATA SOUZA DE OLIVEIRA – FE, UNICAMP

Prof. Dr. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO (orientador) – FE, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O presente projeto de iniciação científica financiado pela FAPESP (Processo n.º 2023/16893-6) tem por objetivo principal interpretar as concepções de educação para os brasileiros, especialmente aquela voltada ao público feminino, na infância e na vida adulta, proposta para reforma social de Nísia Floresta. Partindo dos ensaios da obra *Opúsculo Humanitário* (1853), busca-se estudar três papéis sociais femininos: a mãe como educadora, a mulher trabalhadora e a formação de professoras, procurando contextualizar as ideias com a realidade histórica e social e como essas contribuíram para a formação do pensamento reformador social brasileiro do século XIX.

Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou Nísia Floresta, como é mais conhecida, foi um dos pseudônimos de Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa, mulher que ousava falar de direitos femininos no Brasil patriarcal da primeira metade do século XIX. A escritora e educadora, inesperadamente culta e viajada para as mulheres brasileiras de sua época, das quais poucas escreviam ou tinham acesso à educação formal, nasceu em 1810, no Estado do Rio Grande do Norte, município de Papary, atual “Nísia Floresta”, renomeado em homenagem à educadora e reformadora social. A escritora viveu parte de sua infância e adolescência em Goiana e Olinda (PE). Viveu em Porto Alegre entre 1832 e 1837, juntamente com os filhos e o companheiro, recém-formado bacharel em Olinda. Já viúva, em 1837 estabeleceu residência no Rio de Janeiro, e a partir de 1849 passa a morar na Europa, com apenas dois breves retornos ao Brasil. A autora viveu em diferentes países, mas boa parte na França, onde faleceu em 1885.

Floresta desde cedo se preocupou com Educação das meninas como um direito, e o defendeu na posição de reformadora social em diferentes publicações da época, bem como o praticou no lugar de educadora. Foi preceptora no Recife (PE), em Porto Alegre (RS) e em 1838 inaugurou na Corte o prestigiado Colégio Augusto para meninas; este funcionou até meados de 1856.

A autora tem pelo menos quinze títulos publicados, originalmente em português, italiano, inglês e francês, que incluem romances, poemas, crônicas e ensaios. A temática da importância da educação dos brasileiros, especialmente da educação feminina nos textos de Floresta encontra-se principalmente

nos títulos *Direito das mulheres, injustiça dos homens* (1832), *Conselhos à minha Filha* (1842), *Opúsculo Humanitário* (1853), *A mulher* (1849), além de textos dirigidos às estudantes do Colégio Augusto, e o romance inacabado, em dois volumes, *Dedicação de uma Amiga* (1850).

Além dos livros citados, as primeiras publicações em jornais datam de 1830 para o jornal *Espelho das Brasileiras* de Pernambuco. A partir de 1851 diversos artigos foram publicados em jornais como *Brasil Ilustrado*, *O Liberal*, *O Diário* e *Jornal do Comércio*, muitas vezes sob pseudônimos (Duarte 2019).

Opúsculo Humanitário (1853) foi publicado como ensaios nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro*, e *O Liberal*. No mesmo ano, a obra completa foi publicada na forma de livro e contemporaneamente, duas edições foram lançadas em 1989 e 2019. A obra é considerada um concentrado de seu pensamento reformador em relação à educação dos brasileiros, especialmente das mulheres e meninas, (Sharpe-Valadares, 1989) e foi selecionada para o presente projeto. Além disso, a obra permite, não apenas uma análise das ideias que influenciaram a autora, mas também de como as edições poderiam ter influenciado as ideias em movimento no momento da publicação e nas décadas subsequentes.

METODOLOGIA:

O estudo das concepções de educação de Nísia Floresta a partir do *Opúsculo Humanitário* está sendo realizado em três frentes, guiadas pelos tipos sociológicos em literatura propostos por Candido (2023, pp. 22-23) sendo eles estudos, que “procuram verificar a medida em que as obras espalham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos”, da “relação entre a obra e o público” e “da posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade”.

Além da análise dos ensaios de Floresta, busca-se entender a sua intersecção social com auxílio de diferentes bibliografias que tratam estrutura da sociedade brasileira, da história da educação, e das ideias circulantes do século XIX com destaque para: *Raízes do Brasil* (Holanda, 1995), *Sobrados e Mucambos* (Freyre, 1936), *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império* (Alonso, 2002), *Educação, poder e sociedade no império brasileiro* (Gondra e Schueler, 2008) e *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial* (Carvalho, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A estrutura da sociedade brasileira no século XIX passava pela transição do patriarcado rural, tipicamente colonial, escravista, para o patriarcado urbano, estimulado pelas políticas imperiais. A sociedade urbana dos sobrados, como definido por Freyre (2004), começa a ser influenciada culturalmente pelos europeus – sobretudo pelos ingleses e franceses – em relação às roupas e ao consumo de manufaturas inglesas, de comida, de plantas ornamentais, de móveis, bem como o uso da iluminação das ruas. No entanto, a situação das mulheres pouco muda: enquanto as famílias mal saíam de casa para ir à missa na época colonial, no Brasil Imperial elas conquistam as varandas e a vida social dos teatros e bailes, mas somente no intuito de ficarem disponíveis aos pretendes; passam mais tempo

cuidando da aparência e as meninas passam a se vestir como adultas aos 13 anos de idade. Seu destino continuava sendo o casamento, alheia a vida pública e intelectual (Freyre, 2004).

Quanto ao ensino público, poucos avanços ocorreram desde o estabelecimento das aulas régias durante a reforma pombalina (1759-1772), que a partir de 1822 passam a se chamar aulas públicas, oferecidas em número muito pequeno, e nas quais apenas 15% dos matriculados são meninas. Além do baixo oferecimento, o currículo para as meninas era limitado às primeiras letras, aos rudimentos de aritmética e aos trabalhos de agulha (Gondra e Schueler, 2008), com vistas a ocupação das meninas limitada à esfera doméstica.

Neste cenário e imbuída nos ideários liberais e iluministas – que tinham alta circulação na faculdade de Direito de Olinda, e na qual estava contato junto aos parentes e amigos estudantes, futuros bacharéis e elite política do Império – Floresta publica o *Opúsculo Humanitário* (1853); seu intuito era acelerar uma reforma social e mudar a realidade das meninas e mulheres. As publicações ocorrem logo após o primeiro retorno da autora ao Brasil, depois de passar pela França que respirava a revolução de 1848, e assistir às aulas na Universidade de Sobornne, especialmente as de Auguste Comte.

A primeira publicação ocorre no *Diário do Rio de Janeiro* entre abril e maio de 1853, anonimamente e interrompidos no ensaio XX. Até o momento não encontramos dados que atestem a causa da interrupção da publicação. No mesmo ano, a obra completa com 62 ensaios em forma de capítulos foi publicada na forma de livro pela tipografia de M. A. Silva Lima, sob a assinatura B.A.; não obstante, mesmo com a circulação do livro, os 62 ensaios foram publicados no jornal *O Liberal*, também de Silva Lima. Isto nos indica uma insistência na divulgação dos textos por jornal. O jornal durante o Segundo Reinado no Brasil tinha uma influência direta da imprensa francesa e era o principal meio de transmissão impressa. Além de veicular assuntos políticos, difundia a inovação literária, e permitia algum espaço a serviço da opinião pública em construção pela publicação de crônicas e artigos (Paixão, 2017).

Partindo da leitura da edição revista de 1989, com as notas esclarecedoras de Sharpe-Valadares, verificamos pela estrutura do texto e pelo fato da publicação ter acontecido em diferentes periódicos que Floresta queria alcançar um perfil dos leitores e construir opiniões; a autora se refere, em grande parte dos ensaios, aos personagens masculinos da sociedade brasileira, sendo eles os governantes e os pais de família. Isto corrobora nossa hipótese inicial e repete o que foi constatado por Paixão (2017) na análise de jornais no Rio de Janeiro e São Paulo entre 1850 e 1870: os principais leitores eram do tipo bacharéis, e pelas famílias, centrados na figura do pai, com pouco alcance entre as mulheres.

Percebemos um apelo religioso e moral nos primeiros ensaios (entre o I e V), defendendo o direito a uma melhor sorte e ascensão da mulher, não pela "filosofismo dos socialistas", mas pela sabedoria divina, na figura da mãe do "Redentor do Mundo" (NF 1989, p. 3); ainda nestes ensaios, faz um histórico desde civilizações antigas, sobre a posição e consideração dispendida as figuras femininas nas diferentes sociedades. A importância religiosa e moral acompanha os ensaios até o final da obra, mas com menor intensidade e a partir do ensaio VI a autora disserta sobre sociedades modernas – França, Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha – as quais, instruem melhor as mulheres, elevando suas qualidades políticas, científicas e intelectuais. A autora começa a introduzir, a partir do ensaio XVIII, a

ideia de Brasil em progresso, e a importância da mulher na construção deste ideário, apelando aos “zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra” (NF 1989, p. 45); no ensaio XX, o último a ser publicado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, tece críticas ao legado cultural deixado pelos portugueses aos brasileiros, em relação a moral e ao tratamento das mulheres. Durante os próximos ensaios, Floresta faz uma análise minuciosa da educação e da sociedade brasileira de seu tempo, criticando a precariedade das aulas públicas, a falta de legislação em relação à formação de professores e falta de regulação no estabelecimento das escolas e aulas particulares.

A estratégia da Nísia Floresta para convencer seus leitores de que as meninas brasileiras devem ser melhores instruídas e educadas pode ser sumarizada da seguinte forma: 1 – demonstrar grande erudição ao citar diferentes escritores e pensadores de diferentes nações; 2 – apresentar diferentes personalidades femininas, que uma vez instruídas e/ou educadas, foram capazes de grandes feitos, em diferentes nações; 3 – apresentar personalidades masculinas importantes, por comprovada influência de suas mães; 4 – mostrar o adiantamento de determinadas nações relacionando a melhor instrução que proporcionam as suas mulheres. A autora tenta convencer que, além de um direito das mulheres à educação, elas têm inteligência e capacidades semelhantes aos homens, e que sendo melhores educadas moralmente, com uma melhor instrução, terão a possibilidade de ser melhores esposas e administradoras de seus lares; poderão ser melhores educadoras de seus filhos, bem como dar bons exemplos morais a partir da emulação.

Apesar desta ideia ser algo presente no positivismo comteano – que limita o papel social da mulher à sua grande virtude: o exemplo moral doméstico – a autora, na certeza da evolução de seu texto, vai além do que poderia ser uma contradição: nos ensaios XLVIII e XL ela se refere diretamente às leitoras, mães devidamente instruídas e educadas moralmente, de como proceder com as próximas gerações de meninas. No decorrer dos ensaios, o texto deixa transparecer que a autora propõe uma reforma em etapas, que se inicia na quebra do ciclo de uma péssima moral do brasileiro, a partir da boa educação das mulheres, que como mães, serão modelos e educadoras, como professoras, terão uma instrução cada vez melhor, para educar e instruir futuras gerações, se aproximando dos ideais iluministas de Condorcet (2008), no qual as mulheres devem ser instruídas igualmente aos homens, chegando a trabalhos intelectuais; em passagens breves, demonstra que o casamento não deve ser o único objetivo ou destino das mulheres, e defende veladamente o divórcio.

Nísia deixa claro no *Opúsculo Humanitário*, que valoriza a virtude do gosto pelo trabalho das nações modernas anteriormente mencionadas e que o mesmo deve ser incentivado durante a educação de meninas e meninos, demonstrando a necessidade da instrução de diferentes ofícios para a classe mais pobre e marginalizada, inclusive às mulheres operárias, prevendo um futuro que não está longe de acontecer: o trabalho realizado por braços livres.

CONCLUSÕES:

Diante das transformações sociais consideradas necessárias no Brasil dos meados do século XIX, o *Opúsculo Humanitário* atesta a contribuição de Nísia Floresta, não só como uma reformadora

feminista, mas também como uma cientista social de seu tempo. Apesar do presente projeto ainda estar em andamento, foi possível correlacionar diferentes aspectos da sociedade brasileira contidos na obra analisada com os aspectos levantados pelos clássicos intérpretes contemporâneos do Brasil.

Apesar da religiosidade de Nísia Floresta, – o que poderia conferir a sua escrita um sentido conservador – com auxílio do repertório bibliográfico, ainda que neste momento incompleto, a leitura e análise mais minuciosa da obra surpreendeu, revelando diferentes estratégias de persuasão dos seus leitores, numa busca de um ideário mais progressista, no qual as mulheres das próximas gerações poderiam ter um destaque social, como intelectuais e trabalhadoras.

Apesar de parte do texto do *Opúsculo Humanitário* analisado parecer ter influência do positivismo comteano, o qual não prevê um lugar além do de mãe que atesta a moral social no âmbito doméstico, percebemos semelhanças com aspectos iluministas de Condorcet, e uma possível influência da ideia da mulher como intelectual e trabalhadora; estas influências sobre as concepções da autora devem ser melhor analisados e cotejados nas próximas etapas do projeto. A obra também será mais bem enquadrada no pano de fundo dos ideários liberais da época, bem como seu lugar no surgimento das influências positivistas que chegam ao Brasil a partir da década de 1870.

Sobre a condição feminina, conforme introduzimos no texto por meio da bibliografia utilizada, temos que em meados do século XIX houve uma valorização repentina da mulher, a partir das funções biológicas da maternidade enquanto papel social, o que promoveu uma alteração e permitiu vislumbrar outras possibilidades para elas. Analisaremos mais detalhadamente como se deu e se os textos de Nísia teriam influenciado estas mudanças.

BIBLIOGRAFIA:

- ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Todavia, 1965 [2023].
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3 ed., 2007.
- CONDORCET, Jean-Anroine-Nicolas de Cantar, marquis de. **Cinco memórias sobre a instrução pública**. Tradução e apresentação Maria das Graças de Souza, São Paulo: Unesp, 2008.
- DUARTE, Constância Lima. **#Nísia Floresta Presente: uma brasileira ilustre**. Natal: Mariana Hardi, 2019.
- FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1853 [1989].
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Global Editora, 15 ed., 1936 [2004]
- GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 26 ed., 1995.
- PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.
- SHARPE-VALADARES, Peggy. Estudo introdutório. In: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989.